

PROJETO

GERIR 2024

WORKSHOPS DE GESTÃO ORGANIZACIONAL

SUPLEMENTO ESPECIAL

Edição e textos: Marcio Souza

Fotos: Alencar da Rosa

Revisão: Luís Fernando Ferreira

Arte-final: Rosani Klunk

Fotos: Alencar da Rosa



■ Beling (esq.) mediou o *workshop*, que teve como painelistas, pela ordem na foto, o presidente da Afubra, Marcílio Drescher; o gerente-executivo da Abifumo, Edmilson Alves; e o presidente do SindiTabaco, Valmor Thesing

Desafios e oportunidades do tabaco

A quarta edição do Projeto Gerir – Workshop de Gestão Organizacional 2024, na noite dessa segunda-feira, tratou sobre um assunto em que a região tem *expertise*: “O futuro do tabaco”. Os painelistas foram o gerente-executivo da Associação Brasileira da Indústria do Tabaco (Abifumo), Edmilson Alves; o presidente da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), Marcílio Drescher; e o presidente do Sindicato Interestadual das Indústrias do Tabaco (SindiTabaco), Valmor Thesing, tendo como mediador o gestor de Conteúdo Multimídia da **Gazeta**, Romar Rudolfo Beling. O gestor executivo da *Gazeta Grupo de Comunicações*, Jones Alei da Silva, também fez uma saudação inicial.

Os painelistas reforçaram a importância do setor produtivo para o desenvolvimento do Vale do Rio Pardo, com a oportunidade de monetização em pequenas propriedades, garantindo reforço da agricultura familiar, como forma de subsistência. Além disso, foi apontada a relevância para a economia do

Rio Grande do Sul, da região Sul e do País, uma vez que o tabaco aparece entre os principais produtos exportados pelo Porto de Rio Grande, a ponto de fazer com que o Brasil seja o maior exportador há mais de 30 anos (30% do tabaco mundial tem como origem a região).

O bom momento, motivado pela alta do dólar no comparativo com o real, e a qualidade do produto final brasileiro fazem com que se torne ainda mais atrativo para o mundo e para quem produz. Os indicativos para a próxima safra apontam crescimento de área e de famílias na cadeia produtiva. A projeção é ampliação de 133 mil para 138 mil famílias envolvidas diretamente no cultivo do tabaco. A maior parte da safra, cerca de 90%, deixa o Brasil com destino a mais de cem países, em especial os integrantes da União Europeia.

Mas, assim como a cadeia produtiva mostra-se próspera pelo principal diferencial, que é a qualidade, desafios passam a fazer parte do cotidiano. Entre eles está a necessidade de afinar o Sistema Integrado, que é pioneiro na relação de indústrias e produtores rurais e

já serviu de modelo para outras cadeias produtivas. Melhorar a questão logística também é apontado como fator primordial, que ganha um alento a partir da possibilidade de instalação de um porto marítimo em Arroio do Sal.

O que parece ser o maior empecilho atual, no entanto, é fazer com que o Brasil tenha a liberação, por parte da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), para a produção e a venda de dispositivos eletrônicos para fumar (DEFs). A iniciativa representaria incremento de cerca de 125 mil postos de trabalho, a abertura imediata de empresas para a produção do equipamento e um retorno bilionário aos cofres públicos, com o pagamento de impostos. O assunto está em debate no Congresso Nacional.

Enquanto isso, os integrantes da cadeia seguem vencendo desafios inerentes a um setor que tem seus potenciais e seus resultados não (ou pouco) reconhecidos pela sociedade. “É um setor que aprendeu a ser resiliente, lutando contra tudo e contra todos”, reproduziu Beling, frase que disse ter ouvido em um evento recentemente.



■ Jones Alei da Silva defendeu o incremento na informação



■ Deputado Heitor Schuch lamenta a falta de força política

O futuro do tabaco passa pelos DEFs

Advogado, natural de Alexânia, a 120 quilômetros de Goiânia (GO), Edimilson Alves assumiu em agosto a gerência executiva da Associação Brasileira da Indústria do Fumo (Abifumo). Ele fez imersão em Santa Cruz do Sul para conhecer mais profundamente a cadeia produtiva do tabaco e saiu do município convencido de que é um setor que valoriza muito o produtor rural, possibilitando rentabilidade para as famílias; incentiva a permanência no setor primário e preserva o meio ambiente. Agora, entende que existe novo e importante desafio: liberar a fabricação e a venda de dispositivos eletrônicos de fumar (DEFs), reconhecidos como o futuro para o tabaco.

Alves lamenta a manutenção da decisão da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), tomada em 2009, que proíbe esses equipamentos no País. “Em 2009, talvez a Anvisa tenha tomado a decisão correta, porque havia pouca informação sobre o

assunto, mas agora os DEFs são autorizados em mais de cem países no mundo, e fica claro que a proibição não barrou o consumo em nível interno”, avalia.

A afirmativa do executivo da Abifumo baseia-se no fato de que, atualmente, estima-se que mais de 3 milhões de brasileiros fazem uso dos dispositivos, que são inseridos de forma clandestina no mercado nacional. “O consumo só cresce, e o que é pior é que ninguém sabe o que tem dentro deles”, alerta. Alves ainda fez uma denúncia grave pela variação de formatos e aromas, que serviriam como incentivo para o consumo de crianças e jovens.

A liberação dos DEFs, que é defendida em Brasília pela Abifumo, nas discussões estabelecidas no Congresso Nacional, é vista como um potencial gerador de desenvolvimento do setor, podendo representar mais 124,5 mil postos de trabalho. Além disso, de forma direta, o governo poderia arrecadar mais R\$ 8 bilhões. “Esse dinheiro está indo para a

mão do crime organizado. Está na hora de regular, com regras claras”, defende.

Em sua palestra no Projeto Gerir, no auditório do bloco 18 da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), Alves divulgou dados de um estudo recente, que identificou mais de 11 mil anúncios de DEFs na internet em apenas um mês. Isso, segundo ele, evidencia a ampla e livre circulação do produto que é contrabandeado.

A liberação por parte da Anvisa resultaria em maior agregação do valor ao produto brasileiro, que já é reconhecido mundialmente. Enquanto isso não acontece, a Receita Federal segue fazendo apreensões dos equipamentos comercializados de forma irregular. Somente em 2023 foram apreendidos mais de 2,5 milhões, com estimativa de que isso não representa nem 10% do que é vendido no País. “O que a indústria quer é regra rígida, controle sanitário e geração de emprego e de renda”, reforça Alves.



Edimilson Alves explica que a indústria defende a regra com controle sanitário

Assunto está em debate no Legislativo

A regulamentação dos cigarros eletrônicos está na pauta da Comissão de Assuntos Econômicos (CAE). Após tentativas de votação no primeiro semestre, o PL 5.008/2023, que regulamenta a produção, a comercialização, a fiscalização e a propaganda dos cigarros eletrônicos no Brasil, voltou à discussão.

Apresentado em 2023, o projeto que regulamenta os cigarros eletrônicos é da senadora Soraya Thronicke (Podemos-MS). No Rio Grande do Sul, a Assembleia tem subcomissão para tratar sobre o assunto, uma proposição do deputado Marcus Vinicius (PP).

A GRADUAÇÃO É SOBRE VIVER EXPERIÊNCIAS E PODER COLOCAR TUDO EM PRÁTICA.

Presencial ou EAD, inscreva-se em unisc.br/vestibular

UNISC 5
NOTA MÁXIMA NO MEC

GA NA REAL Vem já pra Unisc.

Principal diferencial do Brasil é a **qualidade**

O Brasil há mais de três décadas é o maior exportador de tabaco do mundo. Cerca de 30% do produto mundial é resultado do trabalho da cadeia produtiva nacional, que exporta 90% e tem o reconhecimento internacional. Tão bom conceito, explica o presidente da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), Márcilio Drescher, vem da qualidade, em especial nos três estados do Sul. Manter esse desempenho, acredita, é o maior desafio para as 138 mil famílias que cultivam o tabaco em suas propriedades.

O diferencial ajuda a responder a uma pergunta que inquieta os integrantes da cadeia produtiva: “por quanto tempo ainda teremos a produção de tabaco?”, que ganha eco com campanhas contra o setor. Drescher aponta para uma série de incertezas, que são amenizadas diante de pelo menos dois fatores. Um é a manutenção da qualidade para continuar com o mercado aquecido (atualmente,

o País exporta para mais de cem países). “Se não tivéssemos esse mercado, apenas uma em cada dez famílias produtoras continuaria”, alerta.

Além disso, o Brasil destaca-se pela sustentabilidade, tanto na questão ambiental quanto na financeira. O presidente da Afubra reforça que não é utilizada a mão de obra infantil, o produto possibilita a rastreabilidade e o trabalho é decente, sem a ocorrência de sistema análogo à escravidão. Em relação ao trato com a natureza, lembra que o produtor aprendeu a ter um bom convívio ambiental, com a utilização da lenha de espécies não nativas (em especial o eucalipto) para a secagem do produto.

Em meio à defesa pela manutenção da qualidade do produto, considerada o diferencial positivo para o Brasil, Drescher alerta para a necessidade da atenção ao sistema integrado, que é uma parceria entre produtor e empresa. Entende que o mecanismo esteja pecando em seu propósito, precisando de uma reorganização, com

o produtor fazendo a sua parte e a empresa também. “Se não for assim, podemos desmontar esse sistema, que foi criado há décadas e que serviu de modelo para outros setores produtivos”, explica.

Esse modelo de negócio, quando bem praticado, é entendido por Drescher como uma segurança para toda a cadeia produtiva e fundamental para o bom desempenho no futuro. Qualquer incerteza nesse sentido pode fazer com que o produtor tenha receio de investir, e isso pode representar redução na qualidade, afetando os números, que aparecem positivos nos últimos anos. “A falta de idoneidade é um fator de risco. Cumprindo com essas regras básicas, teremos vida longa à cadeia do tabaco.”

Também é considerada importante a informação correta sobre o setor. Atualmente, fala-se em diminuição do tabagismo, mas o presidente da Afubra acredita que esse indicador seja visto apenas quanto ao tabaco legal, porque o ilegal continua atuando.



Alencar da Rosa
Márcilio Drescher aponta a qualidade do tabaco brasileiro como um diferencial

Os números crescem na produção

O bom desempenho dos últimos anos no mercado do tabaco tem feito com que cada vez mais famílias ingressem ou voltem para o setor, como forma de dar sustentabilidade econômica, sobretudo na pequena propriedade, que não teria a mesma rentabilidade com outros produtos.

A safra sul-brasileira 2024/25 contará com 309.982 hectares de área plantada, o que representa 9,08% de aumento em relação ao ciclo passado. O Estado com maior ampliação é o Paraná, com 13,63%. Em Santa Catarina, o aumento é de 11,78%. Já os gaúchos contam com incremento de 4,6%.

Contigo,
cuidar se
torna carinho

É o que a gente mais
valoriza e o que nos
motiva a querer fazer
melhor, todos os dias.
Sempre pensando em
você, sempre contigo.

Unimed Sempre contigo.

Unimed ft
Vales do Taquari
& Rio Pardo/RS

Em busca da sensibilização do grande “sócio”

Alta tributação aplicada pelo Brasil sobre os produtos do tabaco faz com que o presidente do Sindicato Interestadual das Indústrias do Tabaco (SindiTabaco), Valmor Thesing, apresente o governo como o maior sócio da cadeia produtiva. Somente em 2023, foram gerados R\$ 16,8 bilhões em impostos. Que poderiam ter sido somados a outros R\$ 8 bilhões, caso houvesse a liberação dos dispositivos eletrônicos para fumar (DEFs). Mesmo assim, o poder público segue como uma pedra no sapato de quem atua na fumiicultura.

Durante a sua apresentação no *workshop* do Projeto Gerir, ele elencou uma série de mitos atribuídos à produção, que servem para dificultar o bom desempenho do setor. Mesmo assim, o tabaco segue como um dos principais produtos de exportação do Rio Grande do Sul. Possibilita vida digna para cerca de 600 mil pessoas, gerando 40 mil empregos da indústria e represen-

tando a movimentação de US\$ 3 bilhões no comércio exterior em 2024, pela projeção, o que deve situar-se entre os melhores resultados da história.

Thesing defende que é preciso criar mecanismos para sensibilizar o governo brasileiro, que aparece como o maior empecilho ao crescimento e sugere até a diminuição desse segmento produtivo. Sem essa defesa efetiva, podem ganhar força os 400 projetos contra o setor que tramitam no Congresso Nacional, como forma de restringir, reduzir ou cortar a assistência técnica ao produtor.

Para tentar evitar que eles evoluam, e criar ferramentas para o bom desempenho da cadeia produtiva, o SindiTabaco atua com outras entidades, menciona Thesing, como a Abifumo, a qual trabalha diretamente em Brasília. Além disso, realiza fóruns de integração com a Associação dos Municípios Produtores de Tabaco (Amprotabaco), como uma forma de incentivar os prefeitos

a pressionarem o governo. São mais de 500 municípios produtores, o que representa cerca de 10% do País.

Outro ponto positivo apontado pelo presidente do SindiTabaco é a aplicação de ações com base no conceito de ESG, método de gestão focado em ações ambientais, sociais e de governança. Aponta a orientação aos produtores para que usem equipamentos de proteção individual; destaca o fato de que é um dos cultivos que menos utiliza ingredientes ativos por hectare em defensivos agrícolas; e enfatiza o protagonismo do setor no recolhimento de embalagens de agrotóxicos, o que evita contaminações.

Como fator de extrema relevância, Thesing apresentou dados do levantamento socioambiental das famílias produtoras, realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). “No País, mais de 70% está na classe C; no tabaco, 80% está nas classes A e B”, exemplifica o presidente.

Alencar da Rosa



■ Valmor Thesing entende que deva ser incentivada a sensibilização do governo

Reconhecimento de ações

Apesar da força contrária ao setor do tabaco, as entidades seguem na busca por melhores condições e possibilidades, organizando eventos com os produtores e colecionando conquistas. Uma delas é o reconhecimento da Organização Internacional do Trabalho (OIT) pela forma como combate o trabalho infantil. Essa atuação é ressaltada com as ações do Instituto Crescer Legal, desenvolvimento pessoal dos jovens, com incentivo à sucessão. No próximo ano chegará a oito escolas nos três estados do Sul, dando continuidade ao crescimento a cada novo período.

Deputado Schuch defende pressão política

O deputado Heitor Schuch (PSB) acompanhou a apresentação dos painelistas da quarta edição do *workshop* do Projeto Gerir na segunda-feira à noite. Lamentou o fato de serem poucos os parlamentares que defendem o setor produtivo no Congresso Nacional e na Assembleia Legislativa. “Até na reforma tributária criaram a ideia de que o que fazemos é pecado”, destacou.

Criticou a forma como o assunto é tratado na Convenção-Quadro, que exclui do debate o setor produtivo. Apontou, ao mesmo tempo, a necessidade de separar a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) do governo federal. “A Anvisa é uma agência nacional que nunca vi estar do lado de quem trabalha”, criticou.

Schuch defendeu a necessidade de usar a força política dos prefeitos, haja vista que o tabaco é produzido em cerca de 10% dos municípios brasileiros, para ter mais força no debate em Brasília. Acrescentou a necessidade de que sejam eleitos parlamentares ligados ao setor.

Em sua fala, que se agregou à dos painelistas do *workshop*, alertou para pontos positivos da cadeia produtiva, como o Sistema Integrado de Produção e ações como as desenvolvidas pelo Instituto Crescer Legal, vin-



■ Heitor Schuch defende que sejam eleitos mais parlamentares vinculados ao setor

culado ao SindiTabaco, e o programa Verde é Vida, desenvolvido pela Afubra. Schuch enfatizou a necessidade de um olhar atento às mudanças na logística gaúcha, com a possibilidade de instalação do porto de Arroio do Sal.

Gestor executivo da *Gazeta Grupo de Comunicações*, Jones Alei da Silva destacou que o grupo de comunicação tem como propósito atuar no desenvolvimento das comunidades em que atua, utilizando as ferramentas da

comunicação para isso. “Quanto mais informada for a sociedade, melhor será o resultado do nosso trabalho”, frisou.

Quanto à cadeia produtiva, entende que são feitos ataques a ela, tornando-se fundamental difundir os dados corretos para que a defesa possa ser feita. A série de conteúdos que prejudicam o setor também foi apontada pelo presidente da Câmara Setorial, Romeu Schneider, como um problema a ser combatido.

Avaliação e atuação das entidades

por: Rodrigo Assmann

Entre os espectadores que acompanharam o evento no auditório da Unisc estavam o secretário da Associação dos Municípios Produtores de Tabaco (Amprotabaco), Guido Hoff, e o presidente da Câmara Setorial Nacional do Tabaco, Romeu Schneider.

Hoff lamentou as peculiaridades do ano, como a estiagem, seguida da catástrofe ambiental e do período eleitoral, para a atuação da Amprotabaco. A entidade, reforçou, não deixou de participar das reuniões propostas para debater assuntos relacionados à cadeia produtiva. “Não deixamos de participar das reuniões em Brasília, na Secretaria Estadual da Agricultura e dos encontros da Subcomissão da Assembleia Legislativa.” Acrescentou que ainda tem reunião marcada com Afubra e SindiTabaco para estudar forma de incentivo e aproveitar a força política dos prefeitos.

O presidente da Câmara Setorial Nacional do Tabaco, Romeu Schneider, ressaltou a consciência do setor em relação às dificuldades que enfrenta pelas perseguições e o não reconhecimento de sua importância socioeconômica. “Sabemos que a **Gazeta** tem feito trabalho excelente na defesa do setor, divulgando de uma forma responsável para alertar e esclarecer as pessoas.”



■ Hoff: secretário da Amprotabaco



■ Schneider: da Câmara Setorial